



NA PRÁTICA, O APRENDIZADO: O QUE ENSINAR FILOSOFIA NA ESCOLA NOS ENSINOU A SER DOCENTE

Guilherme Silva Pinto¹

Luciano da Silva²

Robertina Teixeira da Rocha³

RESUMO

Este relato de experiência tem como objetivo analisar e refletir sobre uma atividade vivenciada em sala de aula, na qual os estudantes vinculados ao projeto PIBID/UFCG – núcleo de Filosofia (Edital nº 01/2024) – atuaram ativamente junto aos alunos da Escola Cidadã Integral Dr. Elpídio de Almeida. A intervenção pedagógica envolveu sete turmas no total: duas da 1^a série e cinco da 3^a série do ensino médio e teve como base os conteúdos trabalhados durante o 1º bimestre letivo de 2025. Para as turmas da 3^a série, os temas abordados foram os filósofos Aristóteles, Albert Camus e Jean-Paul Sartre, com ênfase no modo como cada um abordou o problema do sentido. Já para a 1^a série, os conteúdos incluíram: “O que é Filosofia” segundo Aristóteles, os pré-socráticos monistas e pluralistas, além dos pensamentos de Heráclito e Parmênides. Os temas a serem desenvolvidos foram escolhidos previamente por cada grupo de alunos. Os bolsistas do PIBID conduziram a atividade com uma abordagem pedagógica ativa, utilizando os conhecimentos adquiridos na graduação e repassando-os de forma didática. A prática foi baseada na construção compartilhada do saber, em que os pibidianos guiavam o raciocínio dos discentes sem fornecer respostas prontas, simulando algo parecido com o método socrático. Como produto final da intervenção, os grupos confeccionaram cartazes, que foram posteriormente avaliados pela professora supervisora. Além disso, a atividade proporcionou aos bolsistas uma experiência concreta de aplicação dos conhecimentos filosóficos aprendidos durante a graduação através da interação direta com os estudantes, tendo assim uma percepção direta, mesmo que inicial, da relação entre professor e aluno.

Palavras-chave: PIBID Filosofia, Metodologia Ativa, Formação Docente

INTRODUÇÃO

A formação do professor filosofia para a educação básica demanda a aquisição de conhecimentos teóricos e práticos que não podem ser adquiridos de forma satisfatória apenas

¹ Licenciando em filosofia pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Email: guilherme.slvp@gmail.com

² Doutor em Filosofia (UFPB-UFPE-UFRN). Professor de Filosofia na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Coordenador do Subprojeto Filosofia do PIBID UFCG. Email: luciano.silva@professor.ufcg.edu.br.

³Mestra em Filosofia (UFCG). Professora de Filosofia na Rede Estadual da Paraíba. Supervisora do Subprojeto Filosofia do PIBID UFCG. Email: robertina.rocha@professor.pb.gov.br.



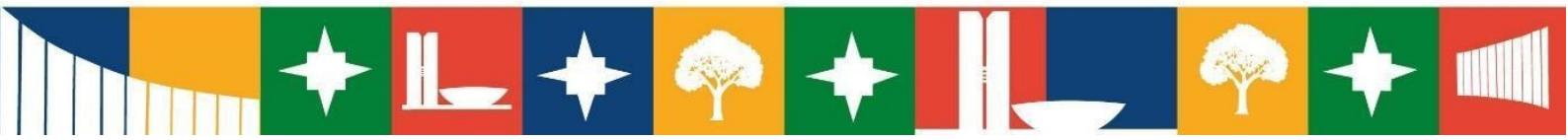
no espaço da universidade, exigindo do docente em formação uma imersão no cotidiano da escola, para que possa compreender como é lidar com as adversidades que são comuns nesse espaço de ensino.

O desafio posto (ou imposto) ao/a professor/a de filosofia é o de apresentar os conhecimentos elaborados e acumulados por uma tradição de pensadores para um público composto por jovens em formação. A filosofia é uma disciplina que exige daquele que nela se inicia um domínio de seu próprio idioma, de maneira que possa compreender, explicar e refletir a partir do que os filósofos disseram seus textos, uma vez que essa tradição é prioritariamente escrita. Nesse sentido, é possível que o/a professor/a de filosofia, por vezes, se depare com jovens que se mostrem refratários às atividades exigidas por esse campo do conhecimento. Assim, não parece ser um absurdo imaginar que haja professores que considerem que não faz sentido a filosofia na educação básica. Mas, pelos motivos expostos até aqui, parece plausível pensar que haja professores que considerem que a filosofia deve ter uma cadeira no currículo da educação básica, justamente pelas exigências que impõe para a realização de suas atividades.

Ante esse contexto, na presente pesquisa pretendemos responder a seguinte questão: considerando a proposta do PIBID, o que ensinar filosofia nos ensinou sobre ser docente? Nossa hipótese inicial é positiva, a saber: a experiência do PIBID contribui de forma efetiva para o aprofundamento dos conhecimentos teóricos sobre a relação ensino-aprendizagem da filosofia para a educação básica. Para verificar a dessa hipótese, dividimos o texto em duas partes: na primeira apresentamos um relato de experiência sobre os primeiros seis meses de nossa participação, como pibidianos do subprojeto filosofia, na ECI Elpídio de Almeida, conhecida como Estadual da Prata, localizada na cidade de Campina Grande-PB; e na segunda parte apresentamos uma análise crítica desses resultados à luz das metodologias ativas, presentes na escola.

A metodologia utilizada foi o relato de experiência, que nos permitiu descrever as ações desenvolvidas nesse primeiro período no PIBID. Como resultado parcial alcançado, esperamos demonstrar a consistência da proposta do PIBID para a formação do professor de filosofia para a educação básica.

Minha experiência nos primeiros seis meses do PIBID





A minha entrada no Programa Institucional de bolsas de iniciação à docência (PIBID) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) foi através do EDITAL PIBID/UFCG Nº 01/2024 – “Processo seletivo de licenciandos(as) bolsistas da UFCG para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID para a vigência 2024-2026”. A seleção foi realizada a partir de uma prova escrita (produção textual) na qual o/a candidato/a deveria apresentar os motivos pelos quais gostaria de participar do referido Programa. Foram selecionados vinte e quatro estudantes de licenciatura em filosofia da UFCG. Os pibidianos selecionados foram apresentados aos/as supervisores/as com quem iriam trabalhar e informados sobre as atividades que iriam desenvolver. O grupo foi dividido em três núcleos de oito alunos, distribuídos em três escolas: Escola Cidadã Integral Técnica Dr. Elpídio de Almeida, Escola Cidadã Integral Félix Araújo e Escola Cidadã Integral Técnica Nenzinha Cunha Lima, todas localizadas na cidade de Campina Grande-PB.

Ficamos na Escola Cidadã Integral Técnica Dr. Elpídio de Almeida, que está funcionando de forma improvisada na Sede da Terceira Gerência Regional de Ensino da Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, já que o prédio da escola está passando por uma reforma. Por esse motivo as aulas estão sendo realizadas em um único turno e não em dois como é regra no modelo de Ensino Integral no Estado da Paraíba.

As atividades foram iniciadas em novembro de 2024. Conhecemos a dinâmica de funcionamento da instituição e a professora, supervisora responsável pelos pibidianos, pediu que as observações se iniciassem imediatamente, para que fosse possível compreender a dinâmica das aulas. Porém, como era final do ano letivo, só foi possível realizar as observações por um dia. Assim, os meses de dezembro e janeiro foram reservados para o estudo dos documentos e diretrizes da escola, para a leitura de textos relacionados às metodologias do ensino de filosofia. Nas reuniões organizadas pela supervisora, que tinham duração de uma hora e trinta minutos, cada uma, pudemos compreender as particularidades da disciplina de filosofia na escola. Os textos debatidos nessas reuniões foram disponibilizados com antecedência, para que pudéssemos elaborar questões.

Quando as aulas retornaram na escola, os oito pibidianos da ECIT Elpídio de Almeida foram divididos em três grupos, sendo dois grupos formados por dois participantes e um grupo formado por quatro participantes. Esta divisão foi necessária para adequar a



disponibilidade dos pibidianos para as observações, uma vez que além do curso de licenciatura em filosofia ser noturno, alguns deles exercem outras atividades laborais durante a semana. As observações têm ocorrido em um período de quatro horas, cumpridas em um único dia da semana, como forma de adequação ao planejamento da escola.

Durante as observações conseguimos perceber como os alunos vêem a disciplina de filosofia na grade curricular do ensino médio, e a importância que eles atribuem a esse campo do conhecimento humano; como interagem nas aulas; e quais são seus reais interesses pela filosofia. Ao nosso ver, as salas da escola estão equipadas com recursos didático-pedagógicos adequados.

As aulas observadas nesta ECIT foram expositivas, com auxílio dos recursos didático-pedagógicos disponíveis. Observamos que a professora sempre demonstrava preocupação em relacionar os temas abordados ao cotidiano dos/as alunos/as. Nossas observações se dividiram entre as turmas da primeira e terceira séries. Na primeira série os/as alunos/as têm o primeiro contato com a filosofia. Já na terceira série, as aulas são voltadas para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Os pibidianos também tiveram a oportunidade de participar de uma intervenção com os alunos do ensino médio, na qual a professora supervisora teve a ideia de realizar uma atividade avaliativa, que consistia na confecção de cartazes sobre os conteúdos trabalhados nas aulas. Os bolsistas foram orientados sobre como auxiliar os alunos da escola nessa atividade.

Para a realização dessa atividade, a turma foi dividida em grupos de cinco pessoas, mas dependendo do número de alunos, essa quantidade poderia ser menor. Cada grupo foi orientado que poderia usar apenas uma cartolina para a confecção do seu cartaz e que deveria escolher um tema que estivesse dentro do conjunto de assuntos abordados em sala de aula. Essa atividade deveria durar no máximo cinquenta minutos, que é o tempo da aula durante a semana. Quando esse tempo chegasse ao fim, os grupos deveriam entregar os cartazes para a professora. Para as turmas da 1^a série foram sugeridos os seguintes temas: “O que é filosofia”, segundo Aristóteles; os pré socráticos monistas e pluralistas; Heraclito e Parmenides; já para as turmas da 3^a série os temas sugeridos foram os seguintes: A filosofia de Aristóteles; Albert Camus e Jean-Paul Sartre.



Durante a realização da atividade de montagem de cartazes, que se desenvolveu em dois dias, envolvendo diferentes turmas, logo de início percebemos que os/as alunos/as da escola se mostraram nervosos quanto a escolha dos temas, pois não sabiam ao certo qual assunto escolher. Nesse momento, os pibidianos orientaram para que escolhessem os temas sobre os quais se sentiam mais confortáveis em abordar. Ao final, tudo correu como planejado pela professora supervisora.

Além das atividades desenvolvidas nas escolas, o Subprojeto Filosofia vem desenvolvendo desde junho de 2025 um “I Ciclo de minicursos e oficinas para formação de professores e professoras de filosofia para a educação básica” voltado para a capacitação dos pibidianos. Os minicursos e oficinas ocorrem a cada quinze dias e têm o intuito de oferecer aos licenciandos de filosofia, participantes do PIBID, instrumentos didáticos que possam auxiliar suas atividades na escola campo. Como exemplo, podemos citar a oficina “Filosofia e questões contemporâneas: estratégias didáticas para o ensino de Filosofia”, que propõe a realização de aulas de filosofia no Ensino Médio como criação de conceitos, inspirada nas oficinas de ensino de filosofia propostas por Sílvio Gallo (2007). A professora ministrante da oficina defendeu a tese de que é possível pensar a criação de conceitos no Ensino Médio a partir da forma como os/as alunos/as explicam o que entendem dos textos, sem que o/a professor/a faça correções nesse entendimento. Ao seu ver, a proposta de Gallo (2007) pode ser adaptada para a metodologia da sequência didática.

Esse ciclo de minicursos e oficinas nos possibilitam o contato com temas e autores que não são trabalhados nas disciplinas da licenciatura em filosofia na UFCG, a saber: a filosofia da libertação do filósofo argentino Enrique Dussel e a ética da alteridade de Emmanuel Lévinas. Em suma, esses primeiros seis meses de participação no PIBIC têm sido de um aprendizado que não é possível adquirir, pelo menos de maneira satisfatória, no espaço interno da universidade.

O PIBID como espaço de novas metodologias de ensino e aprendizagem

Quando falamos do ensino institucional, no que se refere às metodologias usadas para repassar, nas escolas, os conhecimentos da tradição da filosofia, temos em mente várias formas de como esse processo deve ocorrer, mas na maioria das vezes o que prevalece é a



aula expositiva, comum no meio universitário, de onde se originou, e consiste na realização de um comentário sobre um texto base, usado para se passar o conteúdo (Ribeiro, 2007). Ou seja, a aula se dá através de uma metodologia na qual o aluno participa como um mero espectador das ideias apresentadas, isto é, um acumulador de conhecimentos. Essa metodologia se estendeu para outros espaços de ensino, chegando à educação básica.

Esse modelo de aula tem sido alvo de muitas críticas, porque impõe barreiras para uma aprendizagem efetiva, principalmente no Ensino Médio, quando o/a professor/a possa precisar verificar o desenvolvimento do/a aluno/a em atividades mais complexas (Godoy, 1997). Para além desse ponto, as aulas expositivas não são suficientes para o desenvolvimento de uma aprendizagem satisfatória e plena. Nesse sentido, Base Nacional Comum Curricular (BNCC), enquanto normatizadora da educação básica, visa garantir o protagonismo dos estudantes em sua aprendizagem (Brasil, 2017) a partir da prerrogativa garantida ao/à professor/a para a utilização de metodologias que possibilitem o alcance desse objetivo.

Na escola ECIT Elpídio de Almeida, a professora (supervisora do PIBID) tem adotado as metodologias ativas, visando tornar o ensino mais interativo e transversal. Tais metodologias se referem a criação de situações de ensino e aprendizagem em sala de aula para que os alunos resolvam problemas propostos. O/A professor/a tem a função de estabelecer uma relação dinâmica de diálogos (Buss e Mackedanz, 2017) com o objetivo de desenvolver competências e habilidades. Nesse sentido, essas metodologias permitem que os/as alunos/as participem mais das aulas e se enxerguem como protagonistas da relação entre ensino e aprendizagem. Esse formato de aula, por vezes, dificulta a análise da qualidade de ensino. Assim, sua mensuração em rendimento se dá através do nível de aprovação em disciplina, do coeficiente de rendimento acadêmico, avaliação de curso e admissão profissionais (Buss e Mackedanz, 2017). Ou seja, nas instituições de ensino superior percebe-se uma dificuldade para romper com o modelo tradicional de aulas e colocar em prática algum tipo de metodologia ativa.

Ao nosso ver, essa lacuna pode ser superada através da adoção de metodologias que sejam diferentes das aulas expositivas. Nos cursos de licenciatura, essas novas metodologias e estratégias são vistas pelos/as estudantes apenas no âmbito de programas como o PIBID, que facilita a interação entre o ensino superior e a educação básica. Assim, entre os objetivos desse programa, estão a “[...] colaboração mútua entre as instituições de ensino, rede de



ensino e escolas em prol da formação inicial dos professores. E enriquecer a formação teórico-prática de estudante do curso de licenciatura”(CAPES, 2024, *n.p.*).

O PIBID possibilita uma integração entre universidade e escola num compartilhamento de saberes. A interatividade de formação entre universitários e estudantes do ensino secundário contribui para a formação de ambos. O secundarista ajuda na formação do universitário, para que este reconheça as singularidades e as necessidades que os estudantes de ensino médio têm, e consiga atender essas demandas de forma satisfatória. Os licenciandos podem ajudar na formação dos estudantes do Ensino Médio na aquisição de habilidades, competências e autonomia. Essa troca de experiências propicia o desenvolvimento de estratégias de ensino e aprendizagem.

Esse processo de ensino demanda algumas particularidades da própria disciplina de filosofia como campo de conhecimento, a saber, reinventar e criar estratégias de ensino que atendam o que se espera dela. Nesse sentido, Sílvio Gallo (2007), apresenta a filosofia no ensino médio como espaço de criação de conceitos. Ao seu ver, a filosofia é uma disciplina que tem suas próprias metodologias de ensino e aprendizagem. Essa hipótese de Gallo (2007), ao nosso ver, está presente nas aulas de filosofia na ECIT Elpídio de Almeida.

Através da história da filosofia sabemos como os filósofos transmitiam seus pensamentos. Dentre eles se destaca Sócrates, que ficou conhecido pelo seu método de diálogo, a maiêutica, que prezava pela verificação da verdade e por trazer à luz aqueles saberes que estavam até então ocultos. Através do diálogo, que consiste em perguntas e respostas, Sócrates tenta mostrar novas ideias aos seus interlocutores.

A maiêutica socrática está presente nos diálogos de Platão e, ao nosso ver, se mostra consistente para o ensino de filosofia, porque considera o conhecimento prévio do/a aluno/a como fundamental para sua aprendizagem. Este método propõe perguntas ao/a estudante, que deve interpretá-las e assumir uma postura crítico reflexiva, para que o interlocutor verifique se há inconsistências (Sousa, 2024).

Nessa metodologia o objetivo é a busca da verdade através do diálogo. O/A aluno/a é posto no centro da conversa, é o protagonista no processo de ensino, que realiza uma reflexão interna com ele mesmo, para verificar a validade de seus conhecimentos e a segurança das suas respostas (Florentino, 2012). O pensamento de Sócrates é mais que um referencial teórico, é um estilo de vida que deve ser experienciado diariamente. Este método vai na



direção do questionamento, da busca pelo saber, pois não sabemos de nada de forma definitiva e devemos sempre estar em busca do conhecimento, para verificar se ele é realmente verdadeiro (Café e Simões, 2022). As pessoas que passam por essa experiência, compreendem que não existem respostas prontas e nem finais, mas apenas respostas que devem ser avaliadas e revisadas conforme elas aparecem.

Nesse sentido, a relação entre professor e aluno acontece de forma horizontal, destacando o caráter emancipatório da educação, realizando uma atividade conjunta de busca de conhecimento, em que nenhuma das partes envolvidas têm uma superioridade ou é mais importante (Sousa, 2024), já que, para Sócrates, todos guardavam o conhecimento dentro de si, e cabia a ele trazer a tona esse saber para as pessoas visualizarem.

Considerações finais

Através do PIBID conseguimos ter essa experiência de vivenciar a rotina dentro da sala de aula, como sua dinâmica se dá e como é a relação dos alunos com o professor e como se dá o interesse pela disciplina de filosofia no ensino médio. Ainda conseguimos captar como as aulas podem ser modificadas e sair um pouco do formato tradicional, para incentivar os alunos a se engajarem com o assunto e perceber como a filosofia está contida no cotidiano de todos/as.

O PIBID também nos possibilitou o contato direto com os discentes do ensino médio e de pôr em prática o conhecimento teórico adquirido na universidade. Passamos a compreender as subjetividade e particularidades dos/as alunos/as, isto é, como alguns demonstram facilidades para desenvolver o conteúdo, apresentar ideias criativas sobre os assuntos abordados, enquanto outros/as estudantes precisam de mais tempo para desenvolver suas habilidades. Ao nosso ver, as relações interpessoais fazem diferenças no processo de ensino e aprendizagem.

Referências

BRASIL. Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. 2024. Disponível em: [Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência](#) Acesso em 25 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF, 2017.



BUSS, Cristiano da Silva; MACKEDANZ, Luiz Fernando. O ensino através de projetos como metodologia ativa de ensino e de aprendizagem. **Revista Thema**, v. 14, n. 3, p. 122-131, 2017.

CAFÉ, Laércio de Jesus; SIMÕES, Regina Maria Rovigati. A importância do pensamento socrático para o ensino de filosofia na Educação Básica. **Revista Triângulo**, v. 15, n. 2, p. 69-75, 2022.

FLORENTINO, Maria de Fátima. **A avaliação como ponto de partida para o trabalho pedagógico no processo ensino aprendizagem.** 2012. Monografia (Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira, Paraná, 2012.

GALLO, Silvio. A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade. In. RODRIGO, Lídia Maria. **Filosofia no ensino médio:** temas, problemas e propostas. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

GODOY, Arilda Schmidt. Revendo a aula expositiva. In. MOREIRA, Daniel Augusto (org.). **Didática do ensino superior:** técnicas e tendências. São Paulo: Pioneira, 1997.

SOUZA, Francisca Evanice Mourão Lima de. **O diálogo como metodologia filosófica para o ensino de filosofia.** 2024. Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024.